



ABERTURA 30/10 às 19h30

PERÍODO 30/10 a 20/11

HORÁRIO DE VISITAÇÃO segunda a sexta, das 10h às 20h
e sábados e feriados, das 10h às 14h

LOCAL Escola da Cidade – Rua General Jardim, 65

INFORMAÇÕES www.escoladacidade.edu.br

NÃO FAÇA TERRORISMO POÉTICO PARA OUTROS ARTISTAS. FAÇA-O PARA AQUELAS PESSOAS QUE NÃO PERCEBERÃO (PELO MENOS NÃO IMEDIATAMENTE) QUE AQUILO QUE VOCÊ FEZ É ARTE. EVITE CATEGORIAS ARTÍSTICAS RECONHECÍVEIS, EVITE POLITICAGEM, NÃO ARGUMENTE, NÃO SEJA SENTIMENTAL. SEJA BRUTAL, ASSUMA RISCOS, VANDALIZE APENAS O QUE DEVE SER DESTRUÍDO, FAÇA ALGO DE QUE AS CRIANÇAS SE LEMBRARÃO POR TODA A VIDA – MAS NÃO SEJA ESPONTÂNEO A MENOS QUE A MUSA DO TERRORISMO POÉTICO TENHA SE APOSSADO DE VOCÊ. VISTA-SE DE FORMA INTENCIONAL. DEIXE UM NOME FALSO. TORNE-SE UMA LENDA. O MELHOR TERRORISMO POÉTICO É CONTRA A LEI, MAS NÃO SEJA PEGO. ARTE COMO CRIME; CRIME COMO ARTE. HAKIM BEY



EXposição

DR. PACHECO – A METRÓPOLE DO MAL

DE RAFAEL AUGUSTAITIZ

DR. PACHECO - RAFAEL AUGUSTAITIZ E A METRÓPOLE DO MAL

Rafael Augustaitiz é um artista rebelde, um radical – coisa rara nesta época conturbada, em que predominam o medo, o controle e o politicamente correto. Radical porque vai na raiz da criação estética, que é criação de mundo. Basta visitar seus trabalhos para se constatar que, apesar de jovem, Rafael mantém ao longo dos anos rigorosa coerência. Sua trajetória é regida por um princípio que perpassa tudo o que cria: a transgressão à ordem estabelecida, em vários planos de nossa existência social e individual.

Artista da periferia, sua primeira transgressão é espaço-temporal nutrida pela recusa e pela ruptura com o ideal dominante de cidade, mais especificamente de São Paulo. Assim, à neoliberal Cidade “Limpa” ou “Linda”, Rafael contrapõe, não a simples pichação, mas a arte do pixo. Introdutor da pintura, em vez do spray, nessa modalidade de expressão, ele se apropria da arquitetura e do urbanismo paulistanos para assinar na superfície cinza a marca do demoníaco e da desordem: Opus 666. Sua palavra-de-ordem é Arte como Crime Crime como Arte, escrita vertiginosamente na fachada do arranha-céu. Correndo risco de vida!

Foi nessa primeira transgressão-apropriação que o artista viveu seu batismo de fogo. O anúncio de que o maldito está na cidade, emergindo de sua periferia, de seu avesso, prenunciou outras intervenções estético-políticas concebidas, com outros protagonistas do pixo, agora contra o sistema de arte. Deu-se então a pichação da Escola de Belas Artes, de uma galeria de street art, de grafites decorativos nas avenidas e, enfim, da própria Bienal de São Paulo. A arte do pixo de Rafael não consiste, portanto, numa inscrição narcisista ingênua e pobre na paisagem



urbana. Trata-se de uma transgressão-apropriação em escala mega, que interpela os cidadãos tanto no espaço público da cidade, quanto nos circuitos fechados das instituições de arte. Em resumo: trata-se de levar para as ruas e outros espaços a lição de Marcel Duchamp.

Com efeito, se há um artista contemporâneo brasileiro coerente com a lógica inaugurada por Duchamp, esse artista é Rafael Augustaitiz. A arte do pixo não aponta apenas para a apropriação do urbanismo e da arquitetura – o que já seria muito – mas também para a apropriação de uma simbologia místico-religiosa (o Pentagrama Invertido e o 666, o nome da Besta no Apocalipse), e de signos-chave da História da Arte (o Cristo de Velásquez, o auto-retrato de Michelangelo na Capela Sixtina, a Mona Lisa, apropriada de Leonardo por Duchamp e apropriada da apropriação por Rafael...) .

Há uma reativação da potência dos símbolos apropriados, que vai carimbando a paisagem, as telas, as performances, os vídeos. A marca da maldade está em toda parte, é ela que faz com que, nas gravuras, São Paulo apareça, então, como fantasmagoria. E na medida em que os símbolos invocados se contrapõem a uma ordem injusta, o mal bascula, o negativo se converte em afirmação, e o que antes era sacrossanto passa a ser designado como aquilo que precisa ser destruído.

Desse modo, a transgressão-apropriação prolifera, invadindo não só o ambiente, mas a torcida do Corinthians, o erotismo, a vida, e vai extrapolando os limites da metrópole, ganhando a noite estrelada, invertendo o Cristo no Rio de Janeiro, espalhando-se pelo Brasil, através da transfiguração da Padroeira, enquanto a periferia sangra num processo ambíguo, que dessacraliza e ressacraliza o território individual, social e estético.

Tal um Anticristo, o artista - o velho e despistado R. Mutt,, transmutado em Rafael Vira-lata - tem por função invocar a força do caos que sempre já está aí. A fim de destruir para recriar.

Laymert Garcia dos Santos